

Era, de facto, assim.

Ao longo dos meses. O ritmo doloroso mas sereno de uma existência frugal, atenta aos sinais do céu, leitora sapiente dos escritos na paisagem. Paisagem moldada pelo suor do Homem, no caminhar persistente – que já vem perto o ritual das sementeiras, das colheitas, das desfolhadas... como reza o *Borda d'Água*...

Vida ritual, sem dúvida, pautada pelos adágios séculos afora consolidados, na experiência das gentes...

Aninha-se a aldeia da Barriosa no regaço de duas serras beirãs, a da Estrela e a do Açor. Tem a bonita cascata do Poço da Broca; teve lagares, eiras, moinhos... E vai perdendo gente.

É Barriosa concreta, de pessoas concretas, com nome e idade (tinha Antoninho do Fôjo 99 anos...), e histórias vividas («Um dia de Maio pela manhã, indo um rapaz com a charrua às costas para o campo, encontrou uma moça do seu agrado...»). Mas será também – quiçá sobretudo – uma Barriosa-símbolo, cantiga de vida cujos ecos aqui se ressuscitam, se transmitem, se querem erguer altaneiros em certo anátema contra o «mutismo de um dia passado à frente do pequeno ecrã» globalizante, uniformizador, castrante... Um símbolo, ele também!

«Velho que morre, biblioteca que arde», escreveu o etnólogo do Mali, Amadou Hampâté Bâ. Este, porém, quer ser o livro que ousou escapar ao incêndio, dele corajosamente arrebatado pelas mãos de quem soube ouvir, se dispôs a escutar e os pormenores cuidadosamente anotou, para que não viessem a perder-se. Para que houvesse memória e, com ela, identidade!

Já se esqueceram os adágios? Já não há o tapador da levada nem o “mestre barbeiro” que cuidava da saúde aos moradores? O sol a pôr-se no Monte do Colcurinho, «a 1244 metros de altitude, já não marca, como o fazia outrora, a hora de regresso dos campos»? Já as torgas não crepitam nas fogueiras? Já o sino não repica como dantes? Já tudo desarvorou para a cidade anónima e... sem terra?...

João Orlindo conta como foi: já não, já não, já não... O panorama do que deixou de existir, sim; lembrado aqui, corre todavia sério risco de poder ressuscitar.

Oxalá!

*João Orlindo*

Prefácio a João Orlindo MARQUES, *Esta Vida é uma Cantiga! (Ocasos do viver numa aldeia serrana)*, Apenas Livros, Lisboa, 2010, p. 3.